

A dried, pressed plant specimen, likely a branch of a shrub or tree, resting on a piece of paper with faint, handwritten text. The plant has several small, dark, elongated fruits or seed pods attached to a woody stem.

met, consecratur ac
ut labore et d
endum est. Dign
sollicitudin
dictum
dignissim
liber
quam vi
quada
sus in

DIAS
Mulheres
VIRÃO



O coletivizARTE é um projeto de extensão do IFSP IST que esteve, desde a idealização do coletivo pautado nos princípios do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade – o NUGS do IFSP, e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – o NEABI IFSP.



NEABI
NÚCLEO DE ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barbosa, Rosa Amélia
Cartilha coletivizARTE [livro eletrônico] : nossa
história / Rosa Amélia Barbosa. --
Ilha Solteira, SP : Ed. da Autora, 2024.
PDF

ISBN 978-65-01-22209-7

1. Antirracismo 2. Arte e sociedade
3. ColetivizARTE 4. Direitos humanos 5. Diversidade
I. Título.

24-237919

CDD-701.03

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e sociedade 701.03

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

um coletivo transfeminista,
antirracista e anticapacitista





ousadia

O coletivizARTE é um espaço de
formaÇÃO política, partilha e
acolhimento. Iniciou suas atividades em
2022 no IFSP Ilha Solteira.

É um coletivo que fomenta a intersecção
entre Arte, Ciência, Cultura e Sociedade a
partir da realização de encontros/oficinas
para estudo, discussão e circulação de
temas interdependentes com a proposta
teórica centrada na democratizAÇÃO
transfeminista, antirracista e
anticapacitista. Pauta os direitos
humanos, o respeito às diferenças, o
diálogo e o pensamento crítico. Anuncia,
pela prática, que **Dias mulheres virão!**



A LÍNGUA É POLÍTICA!

O COLETIVIZARTE PELO USO INCLUSIVO DA LINGUAGEM

O mundo que habitamos vive em crise, governado por políticas de dominação. É inconteste a noção de superioridade e inferioridade e sua concomitante ideologia que afeta a vida de todas as pessoas em todos os lugares, como ensina bell hooks (2019). Perceba que a autora faz uma escolha política no modo como se apresenta, ela utiliza minúsculas para grafar o nome que adota para assinar toda sua obra. Trata-se de um posicionamento sutil, carregado de sentidos e de subversão. Ela adota um pseudônimo para homenagear sua bisavó "uma mulher de língua afiada, que falava o que vinha à cabeça, que não tinha medo de erguer a voz", mas o faz contradizendo a norma gramatical, anuncia, pela escrita, que suas ideias e reflexões é que devem ser realçadas, não o seu nome ou sua individualidade, por isso as minúsculas. hooks radicaliza a máxima feminista de que o pessoal é político a partir do jeito que assina sua produção intelectual, basta conhecê-la para compreender o projeto político que atravessa sua narrativa.

No coletivizARTE **apreendemos modos de questionar as normas por ações** como as de bell hooks. Pela língua, reforçamos as hierarquias construídas sob as diferenças de gênero, raça e classe, os 'sistemas interligados de dominação', que definem, histórica e socialmente não apenas quem pode falar, mas sobretudo 'como' e o conteúdo desse dizer. Contudo, a depender dos modos pelos quais fazemos uso dos recursos que temos à disposição, **tensionamos para desnaturalizar regimes de verdade e posições de poder.**

Na língua portuguesa há séculos a definição do gênero masculino é a referência ao todo, ao genérico e esse uso reitera a forma de como a comunicação subjuga o gênero feminino, reforça estereótipos e papéis limitando a compreensão humana ao binarismo mulheres e homens. A gramática tradicional, conhecida pela norma culta e conservadora da língua portuguesa, insiste que não é necessário distinguir os gêneros de determinado grupo quando há a presença de homens e mulheres, continua a utilizar a

ideia iluminista e, já superada pela sociedade, de homem como sinônimo de humanidade (Até quando?), a falsa ideia de universalidade contida no gênero masculino.

A tradição precisa mudar para acompanhar necessidades atuais da sociedade. Portanto, **masculino é masculino, não é neutro, nem universal, nem genérico.** Para que as mulheres estejam devidamente representadas é necessário nomeá-las em todas as dimensões de mulheridades.

Partindo dessas reflexões que podem e devem ser aprofundadas, somamos nossa voz às de milhares de pessoas que contradizem a norma, quando ela é por si mesma excludente, misógina e opressora. De maneira disruptiva, **erguemos nossa voz, para colocar em discussão uma linguagem que seja emancipadora.** Apresentamos a seguir elementos marcantes que caracterizam o uso da linguagem inclusiva. A questão que se coloca é simples, **qual a dificuldade de compreender que frases e diálogos construídos com expressões apenas masculinas, invisibilizam outros corpos e existências e reforçam o machismo e colonizador?** Falamos como a sociedade brasileira falava a cem anos atrás? **Entender o papel político da língua é o primeiro passo.**

Daí, passamos a discutir o quanto a substituição de marcadores de gênero na comunicação, mostra respeito e empatia, princípios que deveriam balisar as relações cotidianas. **Tomamos a linguagem como forma de ativismo contra hegemônico que renega mecanismos da comunicação discriminatórios.** Incentivamos o pensamento crítico mobilizando formas de consciência sobre como a linguagem pode transmitir ideias que silenciam e marginalizam individualidades, diferentes perspectivas e realidades. **A linguagem inclusiva ou não sexista é o caminho que aponta para horizontes plurais. É aquela que deseja comunicar incentivando as pessoas a se expressarem de forma que nenhum corpo se sinta excluído.**

E precisa usar a linguagem neutra, tão demonizada por aí? Não. Basta utilizar ou adaptar palavras que já existem na língua, mas também é preciso saber diferenciar. A linguagem neutra tem o objetivo de fazer a comunicação mais inclusiva, respeitosa e abrangente, acabando com o binarismo imposto pelos gêneros “normalmente” aceitos pela sociedade (masculino e feminino). Ela leva em consideração as diversas possibilidades de gênero com as quais as

pessoas podem se identificar. Na linguagem neutra há adoção de pronomes neutros como elu/delu, ile/dile*.

*Essa nova palavra, esse novo pronome de gênero 'ile', é uma tentativa de questionar a 'norma', a cisheteronormatividade, aquele conceito que diz que 'o certo é homem, macho e masculino e mulher, fêmea e feminina'.

Ao fazer a escolha política pelo uso da linguagem inclusiva e/ou neutra, você valoriza, respeita e acolhe a diversidade. Linguagem inclusiva é um convite. Convida a diferença a coabitar. Convida a consciência a se expandir. Convida a suspender o pré-conceito.

Como colocar em prática essa escolha política? É simples, mas trata-se de um exercício contínuo que circula em torno de:

- Usar nomes coletivos sem demarcação de gênero, como autoria ao invés de autores, coordenação ao invés de coordenador, as pessoas interessadas ao invés de os interessados.
- Substitua nomes com marcadores de gênero por nomes neutros, docentes ao invés de os professores, estudantes ao invés de os alunos.
- Utilizar o feminino em textos, publicações, documentos e outras produções gráficas. Objetivando gerar reflexão, debate e inquietações sobre o

- papel da linguagem normatizada enquanto reprodutora de significados sociais e perpetuadora de discursos de poder.
- Diversidade, não se trata somente de incluir todos os gêneros mas também de pessoas em processo de aprendizagem ou com alguma deficiência. É preciso lembrar que pessoas com dislexia, por exemplo, têm maior dificuldade para ler e entender as substituições pelo “x” ou o “@”, enquanto as ferramentas de áudio para deficientes visuais não conseguem “traduzir” esses caracteres. Por isso, **não** usar caracteres que dificultem a leitura.
- Quando se trata da especificação do gênero por meio do uso de formas duplas, utilizar as barras (/) como um recurso alternativo superando o uso dos parênteses para designar a variação de gênero. Visto que os parênteses servem para “intercalar num texto qualquer indicação acessória” (Abranches, 2009, p. 21). Assim, seu uso não serve a um ideal de marcação da simetria de gênero, mas sim para a criação de uma ideia de exceção quando do reconhecimento do gênero feminino – mais comumente deixado entre os parênteses.

Esses são só jeitos de começar. O desafio está lançado. **Linguagem inclusiva é saber alcançar não só a diversidade de gênero, mas também a pluralidade étnica, racial, social, pessoas com deficiência e pessoas de todos os grupos minorizados.**

A língua como ação política nos lembra que padrões não são estáticos. Que a vida, tanto quanto a língua é dinâmica e aceita neologismos para poder abraçar a pluralidade.

REFERÊNCIAS:

ABRANCHES, Graça. Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública. 2009. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wpcontent/uploads/2015/11/Guia_ling_mulhe_homens_Admin_Publica.pdf. Acesso em: 07 de mai. 2024.

BERTUCCI, Pri; ZANELLA, Andrea. Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva. 2014. Disponível em: <https://diversitybbox.com/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/>. Acesso em: 07 de mai. 2024.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Manual para o uso não sexista da linguagem: o que se bem diz bem se entende. 2014. Disponível em: <http://portalsemear.org.br/publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem> Acesso em: 07 de mai. 2024.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (SECOM). Manual de Comunicação da Secom. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/linguagem-inclusiva> Acesso em: 07 de mai. 2024.

SIMULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA SECUNDARISTAS (SiNUS). UnB. Manual de linguagem inclusiva. SINUS 2017. Disponível em: <http://sinus.org.br/2015/wp-content/uploads/2017/05/SiNUS-2017-Manual-de-Linguagem-Inclusiva.pdf>. Acesso em: 07 de mai. 2024.

Escrito por Rosa Amélia Barbosa, docente, pesquisadora de raça/branquitude, gênero e arte como manifestação política, ativista dos direitos humanos, idealizadora do coletivo



saberes

A troca de conhecimentos é um processo essencial para que possamos construir comunidades de aprendizagem, como ensina bell hooks (2021), uma realidade mais democrática e emancipatória a todas as pessoas.

Afinal, quem é que sabe tudo sobre todas as coisas?

No coletivizARTE compreendemos a urgência de romper a barreira do silêncio, para que assuntos e situações que são de interesse público sejam, de fato, dialogadas entre quaisquer pessoas.

Reconhecemos a necessidade de democratizar a conversa e o acesso às informações, com apuração dos fatos, cuidado e referencial teórico.

É possível, sim, fazer tudo isso com trocas afetivas e significativas.

Há muuuuito conteúdo potente disponível! Separamos algumas referências que nos inspiram e que você pode gostar também

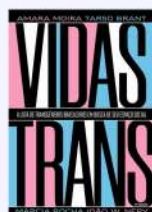
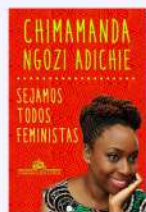
SITES



CARTILHAS



LIVROS



PODCASTS



AFETOS

Muitas são as vozes, muitos são os anseios.
A cada semestre foi necessário mobilizar reinvenções
para nos adequarmos às dinâmicas cotidianas.
Conseguimos! Mantivemos nosso coletivo ativo, pulsante
e cada pessoa que é/foi parte dele tem muitas histórias
para contar.



Me chamo Gustavo Pessoa, e minha experiência com o coletizARTE foi extremamente importante para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. O coletivo me acolheu em vários momentos, me abriu portas como a da bolsa de iniciação científica. Fui bolsista durante 5 meses e foi uma das experiências mais incríveis vivenciadas no meu ensino médio, e me ajudou a escolher o curso de ensino superior que estou cursando atualmente que é Rádio Televisão. Bom, basicamente foi onde me descobri, aprendi, e criei asas.

Meu nome é Gabrielly Lorraine, faço parte do coletivo desde seu começo. Acompanhei e sempre admirei o coletivizARTE, graças a essa iniciativa eu tenho um posicionamento e um pensamento mais crítico do mundo que vivemos, coisas que eu via e normalizava, hoje, têm outro sentido, percebo seu significado, questiono e reflito. Agora, apesar de minha timidez e dificuldade social, eu consigo debater com meu pai e minha mãe, temas com os quais permanece o preconceito e/ou o desentendimento. Esse coletivo é um lugar de paz e liberdade, que nos permite falar de quem somos e como pensamos realmente, sem influência ou medo. Isso foi o que mais me admirou e me fez transformar.

As mediações rotativas também são incríveis, com diversos temas e até mesmo atividades descontraídas que nos ajudam a aprender mais e tirar um pouco o estresse do dia a dia, eu vejo esse coletivo como uma grande família acolhedora, que não liga para seu corpo, sua cor, raça, gênero, sexualidade. Aqui é acolhedor e todas as pessoas se respeitam, se amam. Estamos sempre a fim de receber mais pessoas diferentes e unicamente especiais.



Eu participo do coletivo desde o início e nunca tinha imaginado a existência de um projeto como este na escola. Acho fantástico dar oportunidade de fala, dividir igualmente as responsabilidades, acolher as diferenças. O projeto é maravilhoso, sou muito fã! Cintia Sanches, profe no IFSP

TRANSBOR DAMENTOS

Os jeitos plurais
de coletivizar
de sorrir
de acolher
de partilhar



conheça mais em: [@coletivizarte](https://www.instagram.com/coletivizarte)



UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA



UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA



TECENDO REDES INSURGENTES: GLOSSÁRIO NEABI EM LIBRAS

L - PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTE PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE EXTENSÃO

I - LEIA O EDITAL

B - CONHEÇA O PROJETO

R - PRAZOS

A - ATIVIDADES PREVISTAS

S

NEABI

DEM PRO COLETIVIZARTE

QUINTA-FEIRA DAS 12H30 AS 13H30

QUINZENARIO

SIGA O NOSSO COLETIVO AS INSTAGRAM



REpensando o senso comum

encontro do dia 04 de abril

2024



UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA



TRANS FORME O CISTEMA



LM

leia mulheres
ilha solteira



UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA

entre idas e vindas

NOMES QUE MARCAM NOSSA HISTÓRIA

Aslan Vicente Romani Ferreira
Melina Saranti Mendes
Gabriela Eiko Ferreira Ikegami
Gabrielly Lorraine Santos Rodrigues
Giovanna Martins Silva
Glauber Henrique Barcelos
Lauany Alves Lisboa
Livia Oliveira de Souza
Luisa Roberta Guimarães
Maria Rita Mendes Marques
Pablo Galan Silva
Rafaela Yumi Kuroiwa
Valentina Barbosa Miguel
Ana Clara Carvalho Domingues
Cleyton Henrique Monteiro
Evelyn Eduarda Martins do Nascimento
Marcia Rocha
Mirela Lacerda Miyazaki
Pedro Afonso Franca Souza
Sophia Rhaynna da Costa Dias

Gustavo Samuel Pessoa
Julia Sordi Silva de Souza
Rafaela de Andrade
Giulia Albert Garcia
Beatriz Firmino de Oliveira
Gustavo Sanchetta
Matheus Henrique Bernardes Lima
Maria de Santana Silva
Rayza Gonçalves Rodrigues
Samuel Custódio Felix Pereira
Isabelle dos Santos
Giovanna Sayuri Seki Perozim
Madson de Sousa Matos
Carolliny Coelho Ficagna
Caio Back dos Santos
Mirian Stefany Gomes dos Santos
Cíntia Martins Sanches
Daniella Cristini Fernandes
Rosa Amélia Barbosa
Eduardo Roberto Mendes
Luana Desconci
Robson Piacente
Murilo Queiroz
Erliandro Felix
Renata Siqueira
William Francioni

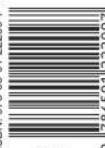


EXPEDIENTE:
coletivizARTE 2022/24

**Texto, Revisão e
Projeto gráfico:**
Rosa Amélia Barbosa



ISBN 978-65-01-22209-7



CL